

Ecolalia, silêncio e linguagem gestual no autismo: uma reflexão para além do patológico

Elisangela Maria da Silva*

UNICAP

Renata Fonseca Lima da Fonte**

UNICAP

Recebido em: 12/06/2019

Aceito em: 15/11/2019

Resumo: Objetivamos discutir a ecolalia, o silêncio e a gestualidade na especificidade do autismo enquanto possibilidade de linguagem. Para tanto, tivemos por base o quadro teórico do *Interacionismo Linguístico* de Lemos fundamentado na Linguística estrutural europeia e na Psicanálise de base Freud lacaniana e respaldamo-nos na matriz multimodal da linguagem, na qual gesto e fala compõem uma unidade significativa. Metodologicamente, realizamos uma discussão teórica sobre a relação entre ecolalia, silêncio e gestualidade no autismo a partir de um exemplo ilustrativo que contém ecolalia na fala de um adolescente autista na faixa etária de 13 anos.

Palavras-chave: Autismo. Ecolalia. Silêncio. Linguagem gestual.

Abstract: We aim to discuss echolalia, silence and gesture in the autism specificity as language possibility. To this, we were based on the theoretical framework Lemos' Linguistic Interactionism based on European Structural Linguistics and Freud Lacanian-based Psychoanalysis, and we rely on the multimodal matrix of language, in which gesture and speech make up a significant unit. Methodologically, we were conducted a theoretical discussion on the relationship between echolalia, silence and gestuality in autism from an illustrative example that contains echolalia in the speech of an autistic adolescent in the 13 years old.

Keywords: Autism. Echolalia. Silence. Sign language.

Résumé: Notre objectif est de discuter de l'écholalie, du silence et du geste dans la spécificité de l'autisme en tant que possibilité du langage. À cette fin, nous nous sommes basés sur le cadre théorique de l'interactionisme linguistique Lemos fondé sur la linguistique structurale européenne et la psychanalyse Freudanania, et nous soutenons la matrice multimodale du langage, dans laquelle le geste et la parole forment une unité significative. Méthodologiquement, nous avons mené une discussion théorique sur la relation entre écholalie, silence et gestualité dans l'autisme à partir d'un exemple illustratif contenant l'écholalie dans le discours d'un adolescent autiste de 13 ans.

Mots-Clés: Autisme. Écholalie. Le silence. Langue des signes.



*Uso a palavra para compor meus silêncios/Não gosto das palavras
fatigadas de informar/Dou mais respeito
às que vivem de barriga no chão/tipo água pedra sapo.
Entendo bem o sotaque das águas/Dou respeito às coisas desimportantes
e aos seres desimportantes.
Prezo insetos mais que aviões/Prezo a velocidade
das tartarugas mais que a dos mísseis.
Tenho em mim um atraso de nascença/Eu fui aparelhado
para gostar de passarinhos.
Tenho abundância de ser feliz por isso/Meu quintal é maior do que o mundo.
Sou um apanhador de desperdícios/Amo os restos
como as boas moscas.
Queria que a minha voz tivesse um formato
de canto/Porque eu não sou da informática:
eu sou da invencionática.
Só uso a palavra para compor meus silêncios.*

*Manoel de Barros,
Livro Sobre o Nada, 1996*

Introdução

No presente estudo procuramos abandonar rótulos e noções pré-estabelecidas acerca das características marcantes do quadro autístico, em particular no tocante à linguagem, desse modo, temos como objetivo discutir a ecolalia, o silêncio e a gestualidade na especificidade do autismo enquanto possibilidade de linguagem. Para tanto, amparamos nossa reflexão no quadro teórico do *Interacionismo Linguístico* de Lemos fundamentado na Linguística estrutural europeia e na Psicanálise de base Freud lacaniana e na matriz multimodal da linguagem, na qual gesto e fala compõem uma unidade significativa, conforme defendem Kendon (1982; 2000; 2009; 2017), McNeill (1985; 2000), Butcher e Goldin-Meadow (2000), Cavalcante (2009; 2018), Fonte et al (2014), entre outros.

Ressaltamos que apesar das concepções de Lemos (2002) não destacarem o campo da patologia da linguagem, tomamos os conceitos desta autora para levantar a hipótese de que a ecolalia – quer na fala espelhada, no silêncio e nos gestos que a acompanha – seja uma forma singular do autista se posicionar na linguagem, desde que seja acolhida, reconhecida pelo outro/Outro. Assim, defendemos a ideia de língua como constituinte do sujeito, com estrutura que envolve o sujeito que fala, as normas e o outro/interlocutor; sendo esses três constituintes indissociáveis e ocupando, na estrutura da linguagem, lugar de igual importância.

Tal concepção faz surgir, neste estudo, a necessidade e inquietação de se colocar o autista enquanto sujeito ativo e inserido no mundo da linguagem. Desse modo, nos questionamos: Se o silêncio que distingue a ecolalia tardia da imediata não seria uma forma singular que o autista estabelece com a linguagem? Se não seria uma resposta ao outro? Uma posição de demanda? Demanda essa que implica o outro como intérprete da fala, gesto, olhar, movimento e silêncio do autista, como um participante que está imbricado numa noção maior de língua.

Numa tentativa de abordar empiricamente o objetivo proposto neste estudo, recorreremos, apenas a título de ilustração, a um recorte de sessão de terapia entre a psicóloga, identificada como Psi e um adolescente de 13 anos, identificado como G, que foi diagnosticado com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) de baixo funcionamento. A sessão foi filmada em uma sala de ambulatório que tinha por objetivo registrar o desempenho da criança na ordenação de histórias em sequências lógico-temporais. A transcrição das produções vocais e das gestuais de G. foi realizada com o auxílio do *software* ELAN (*Eudico Linguistic Annotator*), que permite a transcrição multimodal, mediante a criação de trilhas específicas e no caso de G, as trilhas selecionadas para transcrição foram: a vocal e a gestual. As trilhas de codificação da modalidade gestual consideradas como categorias de análise foram: direção do olhar, movimento de cabeça, posição das sobrancelhas, posição das pálpebras, configuração dos lábios e posição do corpo (LIMA; REHBERG, 2015).

Para uma melhor compreensão dividimos este trabalho em quatro partes: na primeira, discutimos, de forma breve, a perspectiva de Lemos (2002) e a noção de linguagem enquanto constituinte do sujeito; na segunda, apresentamos um breve histórico sobre a linguagem no autismo, especificamente, a ecolalia, o silêncio e os gestos; na terceira, abordamos o tema da gestualidade do autista, contemplando a ideia defendida aqui de gesto enquanto linguagem; na quarta e última, fazemos uma reflexão de um recorte de sessão, como exemplo ilustrativo.

Mais do que explorar o fenômeno da linguagem em um adolescente autista específico, em determinado contexto terapêutico, o presente estudo nos permitiu colocar em questão a ecolalia, o silêncio e a linguagem gestual no autismo como possibilidade de lançar um novo olhar sobre esse fenômeno.

Aquisição de linguagem e a estrutura linguística

A perspectiva de Lemos (2002), no Brasil, é pioneira em aquisição de linguagem. Nela a autora faz um retorno à Linguística passando por Saussure e Jakobson e, sob inspiração lacaniana, vai diferenciar o Outro, termo que reserva à língua, e o outro, o adulto. A autora traz a noção de interação caracterizada como uma relação estruturante entre o outro e a criança, na qual a linguagem é vista como autônoma e possui um funcionamento que tem a ver com a ordem própria da língua (processos metafóricos e metonímicos), jogo das semelhanças e diferenças como efeito da ressignificação.

Assim, estamos diante de uma estrutura linguística que têm três instâncias: a língua, o sujeito e o outro e, segundo Maia (2006, p. 36):

[...] esta estrutura é a mesma para uma criança em aquisição quanto para o adulto. Porém, embora também reaja à fala da criança e à ordem da língua, movendo-se pela linguagem, o adulto detém um lugar de um *saber*, sendo a ele atribuído o papel de *interprete* desta linguagem enigmática apresentada pela criança (MAIA, 2006, p.36. Destaque da autora).

Neste processo, Lemos (2002) mostra que a trajetória que engaja a criança, como sujeito, na aquisição da fala pode ser analisada partindo de uma escuta que, evidencia três posições: a primeira, caracterizada pela dependência que a fala da criança mostra em relação à fala do outro (alienação/separação), o dito como colagem da fala alheia, numa dominância do polo do outro, em que a criança é falada pela fala desse outro. A segunda, caracterizada num distanciamento da fala do outro, uma dominância do polo da língua, numa primazia do funcionamento da língua enquanto Outro, em que a criança é falada pela língua. A terceira, o polo dominante é o subjetivo, em que o outro passa a exercer uma função de alteridade, num intervalo entre o que fala e o que ouve.

É importante ressaltar que essas três posições não são fixas, nem hierárquicas, podendo a criança transitar entre uma e outra(s) numa mesma fala. Elas desvelam “[...] a emergência de um sujeito em outro intervalo: naquele que se abre entre a instância que fala e a instância que escuta, instância não coincidente” (LEMOS, 2002, p. 62).

Nesta perspectiva, a fala da criança é um espaço dialógico, sempre atrelado à fala do outro, em que esse outro irá falar com e pela criança, dando sentido ao seu dito. Sendo visto “[...] a partir da posição subjetiva, efeito de funcionamento linguístico-

discursivo, que lhe permite interpretar a criança, sua fala, gesto, olhar, movimento, colocando-a num texto” (LEMOS, 1997, p. 8).

Assim, destacamos que o conceito de linguagem, adotada neste estudo, envolve a noção de outro/Outro e de linguagem enquanto constituintes do sujeito, na qual a linguagem surge e se mostra sempre acompanhada do outro, seja como interlocutor presente ou refletido na fala do sujeito. Esta perspectiva implica na aceitação da fala da criança como “[...] expressão de si mesma e reflexo de toda sua história e vivência [...]”, implicando em considerar a fala da criança autista como não descontextualizada. Dessa forma, “[...] essa fala reflete um lugar de enunciação que passa pela intromissão do outro, havendo um sentido que carece de interpretação/significação” (MAIA, 2006, p. 41).

Neste sentido, o que é dito precisa ser acolhido, aceito e ressignificado, do contrário ficará perdido, sem sentido, como que calado (LEMOS, 1995). O que nos faz refletir nas tantas falas da criança autista que são deixadas no vazio, carecendo de significação.

É importante destacar que o fio condutor que alinhava e atravessa as discussões deste texto é aquela que olha a criança em situação de inclusão como habitante de um corpo ao mesmo tempo em que é habitado por ele e, não existe sem que o laço com o outro a constitua, a mantenha e lhe dê sentido, dando voz a esse sujeito, fazendo-o dizer.

Diante do exposto, advogamos em favor da ideia de que o discurso do autista tem caráter significativo e que o sujeito do discurso é autor de sua fala. Dessa forma, pensamos a linguagem do autista que vá além do patológico, em que tanto a fala espelhada, como o silêncio e os gestos sejam tomados como uma forma singular do autista se posicionar na linguagem. É essa linguagem para além do patológico que será discutido no tópico a seguir.

Linguagem, autismo e ecolalia

No tocante à literatura científica a linguagem no autismo ainda se constitui um campo polêmico de investigações, visto que, grosso modo:

[...] os autores postulam que os autistas apresentam vários tipos de dificuldades em desenvolver a linguagem, essas podem variar desde uma ausência total de

linguagem até uma perda progressiva de uma linguagem já adquirida, ou ainda, ao aparecimento de alterações verbais com características bastante específicas: inversão pronominal, fala ecológica e/ou sintagmática (REGO, 2015, p. 38).

Corroborando com a afirmação acima, Maia (2006) aponta que são poucos os estudos que abordam a linguagem do autista como tendo caráter funcional e de subjetivação, dentre os quais destacamos os trabalhos de Carvalho (2007; 2010), Carvalho; Melo (2018), Carvalho; Malta (2013), Barros (2011), Rêgo; Carvalho (2006), entre outros.

Carvalho (2007; 2010) focaliza uma discussão acerca do autismo e sua relação com a linguagem, relacionando aspectos da linguagem da criança que não apresenta obstáculos em sua trajetória linguística, como a fala em eco, com a fala ecológica no autismo.

Em *Ecolalia e música: a linguagem no autismo*, Carvalho e Melo (2018) abordam a ecolalia no autismo como uma manifestação da resistência oferecida pelo corpo da criança à perda do som, à implantação do significante.

No texto *Notas sobre a ecolalia no autista: seu efeito de exclusão*, Carvalho e Malta (2013) chamam atenção para a questão da exclusão atribuída ao autista como um efeito provocado, sobre o outro, pelas produções autísticas, como é o caso da ecolalia.

Em *Autismo e linguagem: discussões à luz da teoria da enunciação*, Barros (2011), partindo da Linguística da Enunciação de Benveniste, discute a ideia de percebermos o Autismo como um modo particular de estar na linguagem, como lugar de possibilidades para o encontro com um sujeito linguístico. No tocante à ecolalia, essa autora afirma que, ao fazer recortes do discurso do outro, o autista age sobre a língua, atuando na linguagem. Desse modo, aponta que tanto na ecolalia quanto na não fala do autista, “[...] há uma apropriação da língua e uma transformação individual de um discurso classificado como ecológico ou como não-discurso” (BARROS, 2011, p. 229).

Já em *Aquisição de linguagem: uma contribuição para o debate sobre autismo e subjetividade*, Rêgo e Carvalho (2006) discutem as quebras e as recombinações de blocos ecológicos como possibilidade de indicar que o autista teria sido afetado pelo funcionamento da língua, ocupando, assim, uma posição subjetiva diante da língua.

Maia (2006, p. 54), em seu estudo sobre *a Criança autista como sujeito de fala*, recorre a recortes de situações terapêuticas para olhar a linguagem do autista diferente

do “patológico” e de uma linguagem “sem sujeito”. Desse modo, a autora lança um olhar para além da fala caracterizada como “ecolálica”, tida tradicionalmente, como “descontextualizada” e da linguagem gestual, tida como “inexistente”.

Ao discutir ecolalia, Rego (2015) encontrou terreno fértil na contradição de Kanner acerca da presença/ausência de linguagem e apoiada em Cavalcanti e Rocha (2001) afirma que poderíamos pensar que essas duas posições na qual transitava Kanner, pudessem ser impostas “[...] pela observação clínica das crianças que surpreendiam e traziam questionamentos ao conceito de autismo aprendido pela via da deficiência, insuficiência ou falta de comunicação e linguagem” (REGO, 2015, p. 40).

A autora citada põe em questão a relação singular que o autista estabelece com a linguagem a partir dessa característica marcante – ecolalia – e vai além do diagnóstico patológico. Mostra, ainda, em sua pesquisa como dois sujeitos, pré-adolescentes, diagnosticados como autistas se movimentam na e pela linguagem como autores de sua fala, lançando questionamentos sobre a interferência do outro – terapeuta – na linguagem desses sujeitos.

Barros et al (2013, p. 259), em *Reflexões sobre a formação da linguagem no autista*, pensam na linguagem que nasce e se estabelece na relação entre os sujeitos, acreditando que a ecolalia possa ser percebida como uma “[...] fala passível de significações”.

A maior parte dos estudos citados acima e este perpassa pelo referencial psicanalítico e pela teoria de Lemos (1995; 2002) para estudar a linguagem no autista, considerando-a não apenas como instrumento de comunicação, tal como propõem as abordagens cognitivistas, mas também como indissociavelmente constitutiva da subjetividade. Assim, podemos pensar que a ecolalia surge como questão que põe em discussão o movimento do sujeito na língua.

Nesse sentido, apresentamos a hipótese de que a ecolalia – quer na fala espelhada, no silêncio e nos gestos que a acompanha – seja uma forma singular do autista se posicionar na linguagem, desde que seja acolhida, reconhecida pelo outro/Outro. Desde que seja tomada numa “[...] aposta no sujeito para encontrar algum sentido na linguagem da pessoa autista” (BARROS, 2011, p. 230).

Lima e Rehberg (2015), considerando as perspectivas funcional-comunicativa da gestualidade e psicológica-cognitiva, lançam um olhar para as pausas e silêncios evidenciados na interação entre um adolescente de 13 anos, autista, com a psicóloga,

especialmente quando ocorre ecolalia. As autoras, apesar de enfatizarem a necessidade de estudos mais aprofundados acerca do silêncio, acreditam que a criança, denominada em sua pesquisa de G, vale-se da ecolalia “[...] como uma estratégia discursiva para ganhar tempo para formular as respostas às perguntas da psicóloga” (LIMA; REHBERG, 2015, p. 76).

Lima e Rehberg (2015, p. 73-75) chamam atenção para um padrão de comportamento que se repete nas possíveis ecolalias, afirmando que “[...] sempre há um silêncio pronunciado que precede a repetição de parte ou de todo o enunciado da psicóloga e outro silêncio após a ecolalia”. Esses intervalos de tempo se configuram como silêncio por estarem “acima de 0,6s”, e são, segundo as perspectivas teóricas dessas autoras, significativos para a comunicação.

Numa visão psicanalítica ao qual esse estudo se aproxima a existência de uma escansão, de um intervalo, de pausas é essencial à escuta da fala. Nesse sentido, diz Porge (2014):

O silêncio introduz a dimensão temporal. O silêncio é uma pausa no discurso. Uma pausa da qual se sente a duração mais ou menos prolongada. Essa pausa pode não passar de um ponto morto, mas pode também ter um valor de relance, de precipitação. Ela pode constituir uma escansão (PORGE, 2014, p. 72).

Vemos que esse tipo de silêncio é aquele que estrutura e permite a articulação da fala, interrompendo-a e estruturando-a, como nos momentos de silêncio integrados às produções sonoras que a mãe endereça ao bebê, convidando-o a ocupar um lugar (VIVÈS, 2018).

Ainda acerca desse silêncio estruturante, Queiroz (2003) vai trazer que nos jogos entre mãe e criança a reação à voz da mãe não é mais simultânea, uma vez que a criança espera o silêncio da mãe para responder e faz silêncio em seguida para deixar a mãe se manifestar. O que aponta como a criança é aspirada pelo Outro e tomada na linguagem desde o início. “Com efeito, tudo se passa como se os silêncios introduzidos nos jogos vocais delineassem no vazio, e isso desde o nascimento, esse lugar a ser ocupado” (VIVÈS, 2018, p. 39).

Lier-De Vittor (1994) ao trabalhar *Os monólogos da criança: delírios da língua* questiona-se acerca do significado do silêncio e da repetição de palavras dos outros presentes na fala da criança:

Por que não pensar que, fora do diálogo, o discurso é mesmo assim: lacunar e disfluyente - como bem notou o próprio Piaget? As palavras dos outros, que se inscrevem nos monólogos das crianças, parecem ser, exatamente, a contraface de seu silêncio. Quero dizer, *são presenças no falar da criança*. Presença/ausência da linguagem do outro são ambas efeitos do diálogo: fatalidade do sujeito nunca encontrar unidade, nunca *encontrar-se* (LIER-DE VITTOR, 1994, p. 11. Destaque da autora).

Dessa forma, ao considerarmos esse silêncio no discurso trazido por Porge (2014), Vivès (2018), Queiroz (2003), Lier-De Vittor (1994) e apontados por Lima; Rehberg (2015, p. 76), não poderíamos pensar na ecolalia como uma forma singular do autista se movimentar na linguagem? Principalmente se olharmos a criança autista como o poeta dos versos da epígrafe, que usa *a palavra para compor seus silêncios*, como um *apanhador de desperdícios que ama os restos*.

Assim, seria o autista que “ama os restos”, entendendo-os como vindos do outro. Desse modo, recorremos a Rego (2015, p. 41) ao retomar o mito da ninfa Eco, fazendo uma analogia entre o autista e o destino da ninfa, na qual teríamos Eco que ao receber punição de Hera, teve a linguagem usurpada e relegada a uma repetição, numa “fala vazia e desabitada” que causa perturbações de morte no amado Narciso. Para essa autora, no universo teórico que compõe o autismo, teríamos condenação, ausência de comunicação, morte subjetiva, entre outros elementos subjacentes a essa história que colocam o autista fazendo alusão à rocha na qual Eco se transformara aprisionado em sua fala ecolálica. Fala essa capaz de provocar no outro um efeito de morte, tal qual Narciso.

Em sua investigação, Rego (2015, p. 41) assume “[...] que toda fala é uma demanda para o outro, o outro legitimará essa fala só após reconhecer nela uma posição de demanda”. Desse modo, essa autora assume uma posição de reconhecimento na ecolalia do autista como uma demanda de interpretação, supondo que a ecolalia, enquanto manifestação da fala, não é vazia, nem desabitada, mas composta de uma subjetividade. É pensando nesse dito que precisa ser interpretado/significado e no papel do outro como intérprete que discutimos a ecolalia no autismo.

Na literatura existente, há algumas qualificações para a ecolalia como imediata ou tardia, literal ou mitigada. Nas primeiras a diferença está no intervalo de tempo do enunciado modelo, se as repetições ocorrem logo após esse enunciado, trata-se uma da

ecolalia imediata. Se ocorrerem depois de um tempo relativamente longo desse enunciado, trata-se da ecolalia tardia. Na ecolalia mitigada têm-se modificações (supressões ou adições ou, ainda, modificações entoacionais) do enunciado modelo (REGO, 2015):

De um modo geral, não há divergência entre pesquisadores quanto ao fato da ecolalia ser uma *repetição de enunciados produzidos por outros*, como afirmaram Prizant e Rydell (1984, p. 183). Entretanto, seria interessante lembrar que, no campo da Aquisição de Linguagem, *repetir a fala do outro* é uma das características da fala da criança a qual Lemos conceituou como Espelhamento. Dessa forma, seria interessante tentar aproximar o estudo da ecolalia do campo da aquisição de linguagem, com o objetivo de entender que singularidades a ecolalia imporia (REGO, 2015, p. 43. Destaque nosso).

Essa noção de espelhamento implica o movimento pelo qual fragmentos da fala da mãe retornam na fala da criança, reaparecendo na fala da mãe ao interpretar as produções da criança, se constituindo como deslocamentos metonímicos, como funcionamento linguístico-estrutural. Assim, a presença de ecos na fala da criança, seria a presença, na escuta da criança de fragmentos sonoros da fala do outro (LEMOS, 2002).

Gestualidade no funcionamento multimodal da linguagem

No funcionamento multimodal da linguagem, gestualidade e produção vocal constituem uma única matriz de significação, ou seja, um sistema integrado, no qual gesto e produção vocal contribuem para a produção de sentido na relação entre os sujeitos, conforme defendem os estudos de Kendon (2000; 2009; 2017), McNeill (1985; 1992; 2000), Butcher e Goldin-Meadow (2000), Cavalcante (2009, 2018), Fonte et al (2014), Barros e Fonte (2015), Fonte e Cavalcante (2016) e Fonte e Barros (2019), entre outros.

Na perspectiva multimodal da linguagem, gestos e fala são organizados e sincronizados entre si (KENDON, 2000, BUTCHER; GOLDIN-MEADOW, 2000), sendo semanticamente e pragmaticamente coexpressivos (MCNEILL, 2000), pois essas modalidades da linguagem podem atuar em parceria para produzir sentido.

Segundo McNeill (2000; 2002), a gestualidade abrange uma multiplicidade de movimentos comunicativos, principalmente, mas não sempre, os de mãos e braços

(MCNEILL, 1985; 2002). Desse modo, Quek et al (2002) consideram que o gesto pode abranger a expressão facial e a troca de olhares.

Há diferentes classificações para diferenciação dos tipos de gestos. Na perspectiva multimodal, Kendon (1982) pensou nos gestos a partir de quatro instâncias, partindo da noção de *continuum*: (i) relação com a produção vocal; (ii) relação com as propriedades linguísticas; (iii) relação com as convenções; (iv) relação com o caráter semiótico. A partir dessas relações, o autor classificou os gestos em: gesticulação, gestos preenchedores, pantomimas, emblemas e sinais.

As gesticulações acontecem na presença simultânea da fala, não apresentam propriedades linguísticas, nem são convencionais, pois esses gestos marcam estilo próprio do falante. Além disso, apresentaram caráter semiótico global e sintético. Já os gestos preenchedores ocupam um lugar no discurso, surgindo de forma sequencial à produção da fala, possuem propriedades linguísticas, não são convencionais e seu caráter semiótico é global e analítico. As pantomimas simulam ações ou representam personagens, conhecida como mímica, acontecem na ausência da fala, não possuem propriedades linguísticas, não são convencionais e apresentam caráter semiótico global e analítico. Os gestos emblemáticos podem ser produzidos na presença ou ausência da fala, possuem algumas propriedades linguísticas, são parcialmente convencionais e possuem caráter semiótico segmentado e sintético, como o gesto de apontar e o meneio com a cabeça para negar, por exemplo. Os sinais ocorrem na ausência da fala, possuem propriedades linguísticas, são totalmente convencionais, segmentados e analíticos. Seus significados são regidos pela comunidade de surdos (MCNEILL, 2000; 2006).

McNeill (1992; 2006) descreve quatro gestos: icônicos, metafóricos, dêiticos e *beats*. Os gestos icônicos representam imagens concretas de objetos ou ações. Os gestos metafóricos estão relacionados às imagens abstratas. Os gestos dêiticos têm o papel de indicar a localização de objetos/ações no espaço físico, podendo ser representados pelo gesto de apontar. Os *beats* (ritmados) funcionam como um marcador da produção da fala, as mãos movimentam-se no mesmo ritmo da fala. Segundo o autor, esses gestos devem ser pensados a partir da noção de dimensões gestuais, pois pode acontecer uma mescla entre os gestos, sugerindo iconicidade, metaforicidade, dêixis e entre outras características no mesmo gesto.

Pensar na natureza multimodal da linguagem, nos permite acreditar, assim como Barros e Fonte (2016), que no autismo não podemos perceber a linguagem, em que fala e gesto sejam vistos separadamente, independentes ou superpostos. Faz-se necessário observar como o sujeito autista se movimenta na e pela linguagem, a partir do corpo, fala ou silêncios.

A ecolalia, os silêncios e a linguagem gestual de G: uma reflexão

A seguir buscaremos empreender uma reflexão sobre a produção “ecolálica”, os silêncios e a linguagem gestual de G, levando em consideração que a ecolalia, o silêncio e os gestos são formas peculiares do autista se posicionar e se movimentar na linguagem, desde que esses aspectos multimodais da linguagem sejam acolhidos e reconhecidos pelo outro/Outro. Para tal reflexão, apresentamos um recorte extraído de dados já publicados em Lima e Rehberg (2015). De acordo com as autoras, trata-se de gravações de um recorte de sessão de terapia entre a psicóloga e um adolescente de 13 anos que foi diagnosticado com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) de baixo funcionamento.

Passando ao recorte, a fim de facilitar a visualização e discussão das manifestações de G, selecionamos uma sessão que foi filmada em uma sala de ambulatório e que tinha por objetivo registrar o desempenho da criança na ordenação de histórias em sequências lógico-temporais. Para fins específicos desse estudo, recortamos os fragmentos mais diretamente relacionados aos aspectos que serão aqui discutidos, servindo-lhes de ilustração, em consonância com nosso objetivo. Tais fragmentos serão tratados em um recorte e tomados como passagens 1, 2, 3, 4 e 5.

Recorte – Idade da criança: 13 anos

Contexto: G e a psicóloga estão sentadas e esta solicita à criança que realize a tarefa de ordenar histórias em sequência lógico-temporal.

1Psi: Bom, G... então agora, a gente vai montar algumas histórias, tá bom? Eu vou te mostrar as cenas, há... elas tão numa ordem diferente, eu quero que você arranje na ordem certa, formando uma historinha com começo, meio e fim, *pode ser?*

G: (0.74s) *Pode.*

2Psi: E conta pra mim, *que história que formou?* Conta pra mim essa história...
G: (2.80s) *que história foi?...* (5.9s)

3Psi: Conta aqui pra câmera, qual que é a história que formou? Me conta aqui, *cena a cena.*

G: (0.62s) *Cena...* (2.80s) tá comprando a roupa, tá comprando a roupa e tá indo pra casa... tá comprando a roupa.

4Psi: Hum... E aqui ó, *o que é que tá acontecendo nessa cena?*

G: (0.35s) *O que é que tá acontecendo nessa cena?...* (2.03s)

Psi: Fala pra... pra gente, o que tá acontecendo aqui, ó?

G: (1.30s) Tá pedindo guarda-chuva.

5Psi: Tá... que que ele deve tá falando pra ela aqui ó, *pra filha?*

G: (0.67s) *Pra filha?* (0.8s) que tá chovendo.

(LIMA; REHBERG, 2015, 74-75).

Ao analisar a ecolalia como possibilidade de estratégia discursiva no recorte acima, Lima e Rehberg (2015) voltam-se para questões da prosódia diferenciada ou semelhante entre a criança e a psicóloga. As autoras apontam que na passagem 1, a ecolalia parece não se comprovar, visto que a prosódia da psicóloga apresenta uma entoação de pergunta e a de G apresenta-se como uma assertiva afirmativa. Ainda para essas pesquisadoras, nas passagens 2, 3, 4 e 5, a ecolalia ganha mais peso com as entoações interrogativas.

É importante ressaltar que o que chamou a atenção de Lima e Rehberg (2015, p. 75) foi a existência de um padrão de comportamento nas “possíveis ecolalias” de G, em que “[...] há um silêncio pronunciado que precede a repetição de parte ou todo o enunciado da psicóloga e outro após a ecolalia. Como em: “**G:** (2.80s) *que história foi?...* (5.9s); **G:** (0.62s) *Cena...* (2.80s); **G:** (0.35s) *O que é que tá acontecendo nessa cena?...* (2.03s) e **G:** (0.67s) *Pra filha?* (0.8s) que tá chovendo”. Diante de tal constatação, as autoras mencionam a necessidade de uma reflexão mais aprofundada para esse tipo de comportamento diante da ecolalia na especificidade do autismo, o que propomos neste artigo.

Tal efeito de estranhamento das produções de G também chamou nossa atenção. Poderíamos dizer até que nos causou espanto, nos possibilitando pensar nesses silêncios que precede a repetição do enunciado da psicóloga e o que desliza após a ecolalia, como aqueles que desenham o lugar que a criança pode vir a ocupar ou questionamento direto endereçado ao outro, convocando-o a tomar a palavra.

A nosso ver, os silêncios de G parecem ser um acontecimento importante para que a criança se movimente no discurso, sustentando a relação com o outro. Como afirma Vivès (2018, p. 39) “[...] as perguntas diretas que a mãe endereça ao bebê são seguidas de um tempo de silêncio, provocando o recém-nascido, no sentido etimológico do termo, a tomar a palavra”.

Os silêncios de G parecem fazê-lo assumir o papel de sujeito da fala perguntando e aguardando, com “um tempo de silêncio”, uma resposta por parte da psicóloga, como em qualquer situação de diálogo. Nesse ponto, é oportuno lembrar que, para Surreaux (2001, p. 594), devemos “[...] pensar o silêncio como elemento constitutivo da linguagem, não só em seu caráter fundante, como também em seu papel enunciativo, no que diz respeito à aquisição desviante de linguagem em crianças”.

Ao lançar perguntas diretamente a G, a psicóloga atribui ao menino o lugar de interlocutor, lugar daquele para quem/com quem se fala, lugar do outro do diálogo. Tratando-se de poder construir junto com G uma possibilidade de dizer, tomando o silêncio dele como elemento constitutivo da linguagem. Nessa aposta, a suposição da psicóloga possibilita que G “[...] assumo o lugar de eu constituindo um discurso. Dar-se o valor de enunciado ao trecho [...]. Eleva-se o autista a categoria de sujeito” (BARROS, 2011, p. 230).

Diante dessa suposição da psicóloga, desse ato de fé que “[...] não necessita forçosamente da fala para expressar-se [...]”, sendo esse silêncio que torna a suposição possível. Como o silêncio que encontramos no momento onde o maestro levanta sua *baguette*, no início do concerto, justo antes de a orquestra tocar. Apesar de ainda não soar, a música já é esperada neste momento de suspensão (VIVÈS, 2018, p. 39).

Assim, pensamos que os silêncios de G sejam uma demanda em relação ao outro, convocando-o a interpretar seus silêncios. Tal hipótese nos remete acerca da importância do outro/interlocutor enquanto instância de significação da fala da criança, dialogando com a afirmação de Lemos (2002, p. 12): “[...] qualquer que seja a fala da criança, é do lugar do outro que ela recebe sua significação”.

Conforme evidenciado no recorte, o diálogo de G é marcado pela presença de enunciados repetidos e por silêncios, que não dificultam a interação devido à interpretação dada pela psicóloga a essas singularidades do adolescente autista. Tais interpretações mostram que a psicóloga compreende e concorda com estas

singularidades, colaborando para que G se veja como autor do seu dizer. Dessa forma, a psicóloga parece saber o peso dos silêncios de G e decide refazer ou modificar a pergunta endereçada ao menino para estabelecer o equilíbrio das condições dialógicas, como em: “**3Psi:** Conta aqui pra câmera, qual que é a história que formou? Me conta aqui, *cena a cena*. **4Psi:** Hum... E aqui ó, *o que é que tá acontecendo nessa cena?*”. Esse saber da psicóloga distancia da “[...] ideia de fala ecológica como sinônimo de fala patológica e aproxima a repetição das diversas falas num diálogo de uma situação natural e corriqueira, comum a todos os falantes” (MAIA, 2006, p. 84).

Para nós, a movimentação que G faz pela linguagem, se evidencia nas diferentes condutas que ele toma no diálogo, ora repetindo o enunciado da psicóloga, como em: “**G:** (0.35s) *O que é que tá acontecendo nessa cena?... (2.03s)*”, ora acrescentando, como em: “**G:** (0.67s) *Pra filha?* (0.8s) *que tá chovendo*”, mostrando-se sujeito da fala – primeira e terceira posições propostas por Lemos – ora silenciando. E acrescentamos que “[...] em um ambiente, muitas vezes marcado pelo silêncio, qualquer gesto, expressão ou movimento corporal, pode trazer algum sentido para aqueles que estão presentes na cena interativa” (BARROS; FONTE, 2015, p. 751). Inclusive a própria permanência do silêncio.

No caso de G, poderíamos dizer que a significação do silêncio trata-se de poder oferecer o dizer do adulto, no caso da psicóloga, como alicerce para a estruturação da linguagem dessa criança. Refere-se a poder escutar possibilidades de significação dos silêncios de G. Trata-se de se propor “[...] interlocutor do autista, considerando a existência da alternância entre os pares eu/tu e a consequente possibilidade de subjetivação” (BARROS, 2011, p. 230).

No tocante à linguagem gestual nos deteremos na direção do olhar e nos movimentos das pálpebras de G, levantando a hipótese de que esses gestos não sejam uma fuga ao olhar, mas um aspecto relevante na constituição do sujeito e na significação da linguagem. Como se o fechar dos olhos testemunha, assim como o silêncio, o lugar que a criança pode vir a ocupar.

Lima e Rehberg (2015), ao analisar os aspectos da gestualidade de G, afirmam que nas passagens 1 e 2, do recorte acima, G fechou as pálpebras e manteve seus olhos fechados segundos antes de realizar seu enunciado e por toda a duração deste. Para as autoras, esses gestos contradizem a fala de G e podem ser interpretados a partir de três

hipóteses: “(1) Desmotivação para realização da tarefa; (2) pistas de sua frustração pelos resultados inapropriados e (3) dificuldade para processamento global dos enunciados produzidos pela psicóloga” (LIMA; REHBERG, 2015, p. 72).

A gestualidade de fechar os olhos, assim como esconder os olhos com as mãos e o desvio do olhar foram reconhecidas, no estudo de Fonte e Barros (2019), como expressões corporais do “não” em crianças autistas em contextos interativos de negação. No exemplo ilustrativo apresentado neste artigo, a gestualidade de “fechar os olhos” sugestiva de uma negação ao convite da psicóloga de montar uma história antecedeu à ecolalia “pode”. Diante disso, assumiu o papel de um gesto preenchedor ao ocupar um lugar vazio da sentença, ou seja, o lugar do “não” verbalizado. Tal gestualidade foi mantida com a produção ecolalia “pode” na sequência do discurso. Desse modo, a partir da matriz multimodal da linguagem, o discurso gesto-vocal de G. poderia ser significado pelo outro como “não pode”.

Sendo assim, poderíamos distanciar da concepção médico-clínica tradicional, que restringiria a palavra “pode” como ecolalia, ou seja, como sintoma da linguagem no autismo, o que a negaria como possibilidade de linguagem. Reconhecemos que a produção de tal palavra pode revelar que o sujeito está colado à fala da terapeuta, o que sugere um movimento da primeira posição discursiva apresentada por Lemos (2002), mas associada ao gesto facial indica seu próprio lugar de sujeito e de linguagem, um movimento peculiar, no qual o sujeito deslocou-se gestualmente no eixo da linguagem antes mesmo da emergência da ecolalia.

A partir da nossa hipótese, de que a ecolalia – quer na fala espelhada, no silêncio e nos gestos que a acompanha – seja uma forma singular do autista se posicionar na linguagem, desde que seja acolhida, reconhecida pelo outro/Outro, pensamos que a sincronia temporal que há entre os gestos e os silêncios de G, produzem sentido de demanda dentro do contexto que é interpretada e respondida pela psicóloga. A nosso ver, os silêncios e a linguagem gestual de que G faz uso de modo singular, abre espaço para pensarmos o gesto de fechar os olhos e o silêncio como demanda endereçada ao outro, demanda de ser interpretado, usando, como diz o poeta Manoel de Barros na epígrafe, “*a palavra para compor meus silêncios*” ou os silêncios para compor as palavras. Ou, ainda, usando os silêncios como possibilidade de sustentar a relação com o outro, e de produzir, por sua vez, significações novas.

Considerações finais

Ao trazermos a ecolalia, o silêncio e a linguagem gestual no autismo como uma forma singular de se movimentar na linguagem, assumimos que estas manifestações produzem escansão, descontinuidade, visando algo da ordem do único, do singular. Supomos também os silêncios, que precede a repetição da fala do outro, e os gestos, poderiam, de algum modo, produzir o sentido de demanda endereçada ao outro, demanda de interpretação.

Nesse sentido, a presença do silêncio que antecede as ecolalias de G com entonação de perguntas, podem indicar momentos de silêncio em que o outro é convidado a ocupar um lugar, como os silêncios introduzidos nos jogos linguageiros. Desse modo, pensamos as singularidades de G como possibilidades de linguagem que podem enlaçar o outro, desde que esse outro esteja em posição de acolher as diversas manifestações da linguagem, incluindo os gestos faciais e o próprio silêncio.

Essa aposta do outro/Outro, essa aceitação para entrar no jogo, essa posição de intérprete das pistas multimodais que revelam a inserção do sujeito na língua/linguagem, coloca aquele que olha e não vê como, tão bem poetiza Manoela de Barros, *“um apanhador de desperdício, amando os restos / Ouvindo essa voz como um canto”*, que merece ser apreciado, significado.

Assim sendo, o outro como intérprete oferece à criança significações e possibilidades da participação dela numa noção maior de língua, resultante de outra cadeia que ainda conserva vestígios das cadeias verbais anteriores e possibilita olharmos para a ecolalia, o silêncio e o gesto de G como pedras que podem ladrilhar a movimentação desse adolescente no campo da linguagem. Enfim, há ainda muito a ser pensado e estudado a cerca do reconhecimento da instância do silêncio como constitutiva da linguagem no autismo. No entanto, uma das contribuições desse estudo é abrir uma escuta para essa singularidade. Escuta essa já ressoada pelos poetas, como Lispector (1973, p. 33) que dizia *“Ouve-me, ouve-me o meu silêncio / O que falo nunca é o que falo e sim outra coisa / Capta essa outra coisa de que na verdade falo / Porque eu mesma não posso”*.

Referências

- BARROS, Manoel. *Livro sobre o nada*. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- BARROS, Isabela Barbosa do Rego; FONTE, Renata Fonseca Lima da. Estereotípias motoras e linguagem: aspectos multimodais da negação no autismo. *RBLA*, Belo Horizonte, v. 16, n. 4, p. 745-763, 2015.
- _____. MELO, Maria de Fátima Vilar de; CARVALHO, Glória Maria Monteiro. Reflexões sobre a formação da linguagem no autismo. *Revista FSA*. Teresina, v. 10, n. 1, art. 14, p. 244-263, jan/mar, 2013.
- _____. Autismo e linguagem: discussão à luz da teoria da enunciação. *Comunicações*, São Paulo, 23(2), p. 227-232, 2011.
- BUTCHER, Cynthia; GOLDIN-MEADOW, Susan. Gesture and the transition from one-to two-word speech: when hand and mouth come together. In: MCNEILL (ed.) *Language and Gesture*, Cambridge: Cambridge University Press, 2000, p. 235-257.
- CARVALHO, Glória Maria Monteiro de. *Manifestações verbais singulares da criança: um confronto com a questão da linguagem autística*. 2010. Relatório de pesquisa apresentado ao CNPq.
- _____. *O erro como diferença na trajetória linguística da criança: aquisição de linguagem e autismo*. 2007. Relatório de pesquisa apresentado ao CNPq.
- _____. MALTA, Manoel de Lira. Notas sobre a ecolalia do autista: seu efeito de exclusão. *Revista Gel*, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 65-79, 2013.
- _____. MELO, Maria de Fátima Vilar de. Ecolalia e música: a linguagem no autismo. *Revista Gel*, São Paulo, v. 15, n.1, p. 63-84, 2018.
- CAVALCANTE, Marianne. Rotinas interativas mãe-bebê: constituindo gêneros do discurso. *Investigações (Recife)*, v. 21, p. 153-170, 2009.
- _____. Contribuições dos estudos gestuais para as pesquisas em aquisição de linguagem, *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v.21, n. esp., p. 5-35, 2018. Disponível em:<<https://periodicos.ufpel.edu.br>>. Acesso em 1 de outubro de 2019.
- FONTE, Renata Fonseca Lima da. *et al.* A matriz gesto-fala na aquisição da linguagem: algumas reflexões. In: BARROS, Isabela Barbosa do Rego. *et al.* Aquisição, desvios e práticas de linguagem. Curitiba: Editora CRV, p. 11-26, 2014.

FONTE, Renata Fonseca Lima da. CAVALCANTE, Marianne Bezerra Carvalho. Abordagem multimodal da linguagem: contribuições à clínica fonoaudiológica. In: MONTENEGRO, Ana Cristina; BARROS, Isabela; AZEVEDO, Nadia. (Orgs.). *Fonoaudiologia e Linguística: teoria e prática*. 224ed. Curitiba: Appris, 2016, v. 1, p. 205-225.

FONTE, Renata Fonseca Lima da. BARROS, Isabela Barbosa do Rego. Estereotípias motoras no funcionamento multimodal da linguagem: discussões no campo do autismo. *Estudos da Língua(gem)*, v. 17, n. 1, p. 127-140, 2019.

KANNER, Leo. Os distúrbios autísticos do contato afetivo. In.: ROCHA, Paulina Schmidtbauer (Org.). *Autismos*. São Paulo: Escuta. 1997.

KENDON, Adam. The study of gesture: some remarks on its history. *Recherches sémiotiques/semiotic inquiry* 2, p. 45-62, 1982.

_____. Language and Gesture: Unity or Duality. In: MCNEILL, D. (ed.) *Language and Gesture*, Cambridge University Press, 2000, p. 47-63.

_____. Language's matrix. *Gesture*, v. 9, n. 3, p. 355-372, 2009.

_____. Reflections on the "gesture-first" hypothesis of language origins. *Psychonomic Bulletin & Review*, v. 24, n. 1, p. 163-170, 2017. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5325861/>>. Acesso em: 18/04/2018.

LEMONS, Cláudia Thereza Guimarães de. A sintaxe no espelho. *Cadernos de estudos linguísticos*. UNICAMP, Campinas, n. 10, 1986.

_____. Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. v. 42, jan./jun., P. 41-69, 2002.

_____. Língua e discurso na teorização sobre aquisição de linguagem. *Revista Letras de Hoje*, v. 30, n. 4, p. 9-28, 1995.

_____. Processos metafóricos e metonímicos: seu estatuto descritivo e explicativo na aquisição da língua materna. Trabalho apresentado no *The trend lectures and workshop on metaphor and analogy*, Trento, Itália, 1997.

LIER-DE VITTOR, Maria Francisca de A. F. *Os monólogos da criança: delírios da língua*. 1994. 206 f. Tese de doutorado em Linguística. Universidade Estadual de Campinas.

LIMA, Cacilda Vilela de. REHBERG, Lucilene Lisboa. A multimodalidade da linguagem e os transtornos do espectro do autismo (TEA) num contexto terapêutico semidirigido.

Revista Investigações, Recife, v. 32, n. 2, p. 305 - 324, Dezembro/2019

In. *Autismo, linguagem e cognição*. CAETANO, Sheila Cavalcante; LIMA-HERNANDES, Maria Célia Pereira; PAULA, Fraulein Vidigal de; RESENDE, Briseida Dogo; MÓDULO, Marcelo (Orgs.). Jundiaí: Paco, 2015.

LISPECTOR, Clarice. *Água Viva*. São Paulo, Circulo do livro, 1973.

MAIA, Juliana Costa. *Um viés constitutivo do sujeito na terapia de linguagem com uma criança autista*. 2006. 111 f. Dissertação de mestrado em Letras. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa.

MCNEILL, David. so you think gestures are nonverbal? *Psychological Review*, v. 92, n.3, p. 350-371, 1985.

_____. *Hand and Mind: What Gestures Reveal About Thought*. Chicago, IL: University of Chicago Press, 1992, p. 75 – 85.

_____. Introduction. In: MCNEILL, D.(ed.). *Language and Gesture*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000, p. 1-10.

PORGE, Erik. *Voz do Eco*. Trad. Viviane Veras. São Paulo: Mercado da Letras, 2014.

QUEIROZ, Telma Corrêa da Nóbrega. Entrando na linguagem. *Estilos da clínica*, São Paulo, v. VIII, n. 15, p. 12-33, 2003.

QUEK, F. et al. Multimodal human discourse: gesture and speech. *ACM transactions on computer-human interactions*, v.9, n.3, p.171-193, 2002.

REGO, Fabiana Lins Browne. *Investigando a ecolalia no autismo: há possibilidade de um novo olhar?* 2015. 117 f. Dissertação de mestrado em Psicologia. Universidade Federal Pernambuco. Recife.

_____. Aquisição de linguagem: uma contribuição para o debate sobre autismo e subjetividade. *Psicologia Ciência e Profissão*, Brasília, 26(1), p. 12-25, 2006.

SURREAUX, L.M. A questão do silêncio na aquisição desviante de linguagem. *Revista Letras de Hoje*. Rio Grande do Sul. v. 36, n. 3, p. 593-599, 2001.

VIVÈS, Jean-Michel. *Variações psicanalíticas sobre a voz e a pulsão invocante*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2018.

* Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Membro do Grupo “Aquisição, Desenvolvimento e Distúrbios da linguagem em suas diversas manifestações”, da UNICAP.

** Professora assistente IV da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), atuando na Graduação em Letras e na Graduação em Fonoaudiologia. Professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da UNICAP.